

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO POSSIBILIDADE DE LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL E DISCURSIVA

Rodrigo Milhomem de Moura*
Ruskaia Fernandes Mendonça**
Alexandre Ferreira da Costa***

RESUMO: *Este artigo objetiva discutir o uso das histórias em quadrinhos (HQ) como recurso didático para desenvolvimento da leitura e do letramento literário. Está inscrito na perspectiva histórico-cultural e discursiva. As atividades foram realizadas no âmbito do Projeto Ponto de Apoio do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG. Para tanto, realizamos uma discussão acerca do gênero história em quadrinhos e do letramento literário. Em seguida, apresentamos a atividade desenvolvida com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I: uma recontagem de um conto tradicional da literatura goiana, Ninho de Periquitos, de Hugo de Carvalho Ramos, em formato de história em quadrinhos.*

ABSTRACT: *This article aims to discuss the use of comics as a didactic resource for the development of reading and literary literacy. It is underpinned in the historical-cultural and discursive perspective. The activities were carried out under the Project Ponto de Apoio of the Center for Education and Research Applied to Education UFG. To do so, we held a discussion about the comic books genre and what we understand by literary literacy. Next, we presented the activity developed with the students of the 4th year of Ensino Fundamental I: a re-telling of a traditional Goiana literature tale, Ninho de Periquitos, by Hugo de Carvalho Ramos, in a comic book format.*

PALAVRAS-CHAVE: *Histórias em quadrinhos. Literatura goiana. Gêneros discursivos.*

KEYWORDS: *Comic books. Literature. Goiana Literature. Discursive genres.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história em quadrinhos (doravante HQ) apresenta-se como um gênero discursivo que cativa grande interesse em muitos estudantes e leitores. Isso se deve ao fato de a linguagem utilizada, na maioria das vezes, ser mista (linguagem verbal e não verbal), permeada pelos signos imagéticos. No entanto, mesmo apresentando tantos aspectos significativos, esse tipo de gênero acaba gerando certa resistência em muitos professores, pois o julgam baseada em tempos passados (quando o referido gênero foi criticado mundialmente). Por esse fator, neste trabalho levantamos reflexões sobre a importância da HQ para a aquisição do gosto pela leitura e de sua influência para a formação de um

letramento literário, no qual o aluno possa ter acesso à literatura em suas múltiplas facetas, fazendo uso em âmbito social. Para tanto, buscamos fazer um breve panorama histórico do gênero, bem como sua importância à prática pedagógica.

O trabalho surgiu a partir de algumas discussões em sala de aula e com colegas da Língua Portuguesa sobre o uso de quadrinhos. Além disso, outro fator que nos levou a escrevê-lo foi o interesse que as crianças têm por esse gênero. Assim, entendemos que a temática deve ser explorada, com vistas à criação de atividades que podem contribuir para a formação histórico-social dos estudantes, bem como seu uso para o desenvolvimento da leitura, da escrita e das esferas artístico-literárias. Destacamos que as atividades desenvolvidas são ancoradas na perspectiva histórico-cultural e discursiva que norteiam a ação pedagógica em sala de aula, fundamentadas a partir de conceitos vigotskianos e bakhtinianos.

Partindo de tais discussões, questionamo-nos sobre como os quadrinhos podem fornecer subsídios ao letramento literário e de que forma podem contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Procurando responder às inquietações, fizemos uma revisão da literatura para fundamentar o trabalho, assim como apresentamos uma atividade desenvolvida no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG). Acreditamos que os quadrinhos podem influenciar os alunos no gosto pela leitura, concomitantemente pode influenciar os estudantes a desenvolver uma apreciação estética.

Neste campo de reflexão, recorreremos com especial atenção a três autores. O estudo de Santos (2015), *Literatura e história em quadrinhos (HQ) na educação básica*, que versa sobre a importância das HQ para desenvolver o letramento literário. A pesquisa de Lima (2012), *Literatura em quadrinhos: uma questão de adaptação*, que demonstra o que se perde e o que se ganha com a adaptação de textos literários para as HQ. E, finalmente, o trabalho de Santos e Ganzarolli (2011), *História em quadrinhos: formando leitores*. Esses estudos moldam o ponto de partida de aplicação e reflexão em um contexto de estudos acadêmicos e formação de professores, com sujeitos de estudos específicos. Nosso foco recaiu sobre a importância desse tipo de abordagem para a constituição identitária e literária dos estudantes.

1 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO GÊNEROS DISCURSIVOS: UM BREVE ESBOÇO HISTÓRICO

Ao concebermos as histórias em quadrinhos como gêneros discursivos, corroboramos os ideais de Bakhtin (2003), que demonstram a grande variedade de gêneros discursivos

existentes. Isso porque, “[...] a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.” (BAKHHTIN, 2003, p. 280). Por este ângulo, as HQ não são gêneros recentes, permearam diversas sociedades e seus contextos específicos. Afinal, os gêneros mudam de acordo com anseios e necessidades sociais de cada época.

No exemplo dos desenhos em rochas e nas paredes das cavernas, as chamadas pinturas rupestres, já se evidenciava que esses signos tinham o intuito de organização social. Sobre esse tema, Vergueiro (2010, p. 9) comenta que o homem das cavernas “[...] gravava duas imagens, uma dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um animal abatido, poderia estar na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por uma sucessão de imagens”. O autor também pondera que a imagem é um dos mecanismos mais utilizados pelas crianças para expressar suas impressões e sentimentos. Para ele, “[...] tanto o homem das cavernas como a criança de hoje parecem ter compreendido que, como diz a sabedoria popular, *uma imagem fala mais do que mil palavras*.” (VERGUEIRO, 2010, p. 9, grifo do autor). Se uma imagem fala mais que mil palavras, pode ainda suscitar novas significações quando aliada à escrita. Neste sentido, para Bakhtin (2016) os gêneros são relativamente estáveis e estão a serviço de um dado campo da atividade humana. À vista disso, eles acabam sofrendo alteração ao longo dos tempos para se adequar às demandas sociais e, por vezes, transformam-se em novos gêneros ou ganham novos incrementos à sua estrutura.

O surgimento da imprensa e a evolução da indústria tipográfica foram de grande valia para a constituição e o aparecimento das HQ como gêneros produzidos em larga escala, uma vez que passaram a ser um meio de comunicação de massa, com constantes publicações em jornais (VERGUEIRO, 2010). Cabe insistir, portanto, que “[...] observa-se que o repertório de gêneros de cada esfera da atividade humana vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.” (FARACO, 2009, p. 127).

Para Bakhtin (2006), todo signo é ideológico, não existe enunciado não ideológico. Nesta lógica, ao analisar o contexto de ‘explosão’ das HQ poderemos tentar compreender o porquê de terem sido censuradas durante uma época. Após a Segunda Guerra os quadrinhos chegaram ao ápice: histórias de guerra, conflitos bélicos, história de suspense, terror, o cunho mais realista da sociedade, e vários outros fatores se multiplicaram. Assim, após o advento da Segunda Guerra e início da Guerra Fria surgiu um ambiente de desconfiança em relação aos quadrinhos: “Fredric Wertham, psiquiatra alemão, radicado nos Estados Unidos, encontrou campo privilegiado para os pretensos malefícios das histórias em quadrinhos.” (BAKHHTIN, 2006, p. 11). Fredric denunciou as HQ, inferindo que elas seriam uma grande ameaça aos jovens; era contrário ao conteúdo de grande parte

dos quadrinhos e por isso usou casos específicos de alguns de seus pacientes para comprovar sua tese. Uma das defesas usadas pelo alemão era a de que algumas leituras, inclusive a do Batman, podia levar os jovens ao homossexualismo (VERGUEIRO, 2010). As críticas se espalharam por alguns países e o teor delas, embora menos severo, retratava práticas similares.

No Brasil, por exemplo, foi criado um Código de Ética dos Quadrinhos, semelhante ao código que foi criado pelos estadunidenses. Logo, parece-nos que o caráter ideológico (o risco de retratar o realismo aos jovens) interferiu diretamente no processo de censura aos quadrinhos. Isso quer dizer que “[...] o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Posto estes esclarecimentos, é fundamental compreender o viés pedagógico das HQ. Alguns autores já se dedicaram ao estudo desse gênero como ferramenta educativa.

2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA FORMA DE LETRAMENTO LITERÁRIO?

Discutir sobre o letramento literário requer pensar em primeira instância sobre o letramento em sua contextualização geral. Interessa-nos questionar, dessa maneira, o que é letramento e para que serve. Magda Soares é uma das autoras pioneiras em discussões sobre esse tema no Brasil. Para ela, “[...] letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.” (SOARES, 2000, p. 72). Portanto, o letramento é a aplicação da leitura e da escrita em âmbitos sociais, diante das diversas tarefas cotidianas e serve para orientá-las e ajudar em suas execuções. Ou, ainda, as práticas de letramento são também constitutivas dessas circunstâncias sociais.

Acreditamos que letramento literário é um desdobramento do letramento propriamente dito, isto posto, observa-se que o acesso às manifestações artísticas é de grande valia à formação histórico-social e artística dos indivíduos, daí inferimos a importância do acesso à literatura e sua prática em sociedade como forma de intervenção e mudança social. Segundo Cosson (2009):

[...] o letramento literário precisa acompanhar, por um lado, as três etapas do processo de leitura, por outro, o saber literário. No caso desse último, convém ter na mente a distinção feita por M. A. Halliday em relação à aprendizagem da linguagem: a aprendizagem da literatura que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimento de saberes e as habilidades que a prática de literatura proporciona aos seus usuários [...]. (CROSSON, 2009, p. 47).

Em consonância com a exposição do citado autor, podemos observar o papel do letramento literário e o papel da escola na formação educacional e social dos estudantes. Tendo em vista que o trabalho com a literatura na escola tradicional envolve normalmente a história da literatura e as características dos períodos ou momentos literários; e muitas esquecem-se de ‘letrar’ o aluno para a apreciação estética das obras, ajudá-los a ter uma percepção artística mais afluída e desenvolver o gosto pela arte se faz necessário. Neste sentido, comungamos do posicionamento de Cândido (1995, p. 235) quando este afirma que “[...] a função da literatura está ligada a complexidade de sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque é contraditório)”. Acreditamos, assim como o citado autor, que a literatura tem este papel humanizador: de transformar ‘em gente’ quem tem acesso a ela. Por isso, essa arte deveria estar acessível a todos; deveria ser um direito humano. Isto é,

[...] focalizar a literatura com os direitos humanos em dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrições dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com luta pelos direitos. (CÂNDIDO, 1995, p. 239-240).

Na literatura e pela literatura há luta, há resistência, há humanização, há respeito e há justiça social. A literatura, arte pela palavra, tem essa capacidade de transformação e intervenção social. Assim, concordamos com Cândido (1995) de que ela deveria ser um direito humano. Santos (2015, p. 26) também se preocupa com o processo de aquisição literária e expressa que a concepção de literatura que se deve adotar é aquela que favoreça a “[...] formação leitora, especialmente o acesso à leitura dos clássicos no meio escolar. Em uma perspectiva de letramento literário, o ensino de literatura deve sofrer mudanças importantes em seus aspectos didáticos, considerando a realidade que aponta”. Fazer com que o aluno desenvolva a apreciação e percepção estética deveria ser o foco da escola; letrar o aluno na arte e pela arte da palavra é necessário para que a nossa ‘humanidade’ não seja mutilada e os quadrinhos podem contribuir nesse processo.

Na esteira dessa discussão, o referido autor ainda aponta que a escola pode e deve assumir urgentemente seu papel na formação literária dos jovens leitores. Em função disso, um aspecto positivo que pode ser assumido em contextos educacionais ante a formação leitora do gênero literário se relaciona a adotar estratégias pedagógicas que visem provar e instigar os jovens leitores. Para tanto, é essencial considerar o perfil do público moderno

e sua relação com o visual, já que as imagens estão por todos os lados, em diversas circunstâncias e lugares. Dessa maneira, com vistas a incentivá-los e encorajá-los, “[...] o estabelecimento de relações entre o texto verbal e o não-verbal, mais especificamente ao se tratar do texto literário, a associação deste com as manifestações visuais, a exemplo do quadrinho literário” (SOUZA, 2015, p. 54-55) pode ser uma trilha a ser desbravada.

Partindo dessas perspectivas, recorreremos à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a fim de observar de que modo o documento oficial trata do letramento literário, assim como de gêneros como as HQ. Na BNCC, a organização das práticas de linguagem está dividida em campos. Segundo o documento, isso foi feito como forma de contextualização do ensino. Há um campo denominado como artístico-literário. Nesse campo, o guia busca dar possibilidades para que os estudantes tenham contato com as manifestações artísticas em geral “[...] de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações [...]” (BRASIL, 2017, p. 136). O norteador da educação brasileira acaba indo ao encontro da busca por um letramento literário.

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2017, p. 136).

Além disso, a BNCC expressa que os quadrinhos são gêneros que podem ser trabalhados em sala de aula. O gênero está inscrito também no campo artístico literário, o que acaba por legitimar, hoje, os quadrinhos enquanto representação literária. O campo artístico literário preza pela: “[...] fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: [...] poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/ cartum, dentre outros.” (BRASIL, 2017, p. 97). Em relação ao trabalho com às histórias em quadrinho em sala de aula, pode-se “[...] construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).” (BRASIL, 2017, p. 95).

O Programa Nacional do Livro Didático – Literário (PNLD-2018 – Literário), em consonância com a BNCC, foi adequado e também reconhece que as HQ são gêneros importantes para o letramento literário. Dentre os gêneros a serem selecionados no PNLD-2018 está uma denominada ‘Livro de imagens e história em quadrinhos’. Dos livros sobre o referido gênero direcionado aos estudantes dos anos iniciais do ensino

fundamental estão um total de oito obras, dentre elas: Ariano Suassuna em quadrinhos, Luiz Gonzaga em quadrinhos, Monteiro Lobato em quadrinhos e José Lins do Rêgo em quadrinhos. O que mais chama a atenção é a quantidade de livros em quadrinhos e imagens direcionados aos discentes do Ensino Médio – um total de 16 obras. Dentre elas estão obras como: Odisseia, Dom Casmurro, Grande sertão veredas, O peru de Natal, Missa do galo e o Diário de Anne Frank em quadrinhos. Acreditamos que isso vai ao encontro daquilo que Santos (2015) desenvolve em sua dissertação: o acesso às obras literárias clássicas pode ser dar por meio dos quadrinhos em um primeiro momento e pode influenciar o jovem a procurar a obra original.

Neste segmento, as várias características das HQ, que as fazem ser um gênero multimodal, suscitam um lugar de destaque para o incentivo dos estudantes ao letramento literário, bem como para ajudá-los a desenvolver o gosto pela leitura. Em virtude disso, pactuamos com a ideia apresentada por Santos (2015, p. 35) de que “[...] a HQ é uma linguagem autônoma, que tem mecanismos próprios para se constituir como estrutura narrativa, mas que tem pontos comuns com a literatura, assim como outras linguagens, como o cinema e o teatro, por exemplo”. O autor discorre ainda que algumas editoras estão investindo na reformulação e adaptação de clássicos literários para histórias em quadrinhos, segundo ele, “[...] acredita-se que o acesso a esse meio expressivo – sua consequente valorização – podem estimular o interesse dos jovens leitores pelo contato com o texto original.” (SANTOS, 2015, p. 55).

Essa prática de transformar um gênero em outro como forma de trabalho com a escrita já estava descrita nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para Ensino Fundamental (PCN Ensino Fundamental). De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998, p. 52), “[...] transformar um gênero em outro: escrever um conto de mistério a partir de uma notícia policial e vice-versa; transformar uma entrevista em reportagem e vice-versa” pode ser uma importante ferramenta para o aprimoramento da escrita. Por esse motivo, o próximo tópico é direcionado às análises de produções de histórias em quadrinhos de alunos do projeto de extensão Ponto de Apoio da Universidade Federal de Goiás, desenvolvido no CEPAE. Os estudantes fizeram uma HQ do conto Ninho de periquitos, presente na obra Tropas e boiadas, do autor goiano Hugo de Carvalho Ramos. Buscamos, por meio das análises, demonstrar como as histórias em quadrinhos podem ser importantes ferramentas para o trabalho com a literatura e as diversas artes.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: PROJETO PONTO DE APOIO

A proposta de trabalhar com as histórias em quadrinhos em uma das atividades do Projeto Ponto de Apoio surgiu mediante o interesse apresentado pelos alunos por esse gênero

literário. As atividades, fundamentadas na perspectiva histórico-cultural, procuram desenvolver a apropriação de significados, formação de conceitos e estruturação de sentido. Assim, conforme orienta Vigostky (2001), para que haja essa constituição dos processos psicológicos pauta-se a ação com mediadores, isto é, instrumentos que auxiliam o sujeito em seu desenvolvimento. Por esse fator, pensamos que as HQ são ferramentas que podem ajudar os discentes a desenvolver diversas habilidades e competências, tendo em conta a linguagem mista e a diversidade temática que pode ser abordada e discutida eles.

O projeto Ponto de Apoio é uma proposta pedagógica para os alunos que apresentam alguma dificuldade de rendimento escolar em alguma disciplina. Essa proposta vai ao encontro da determinação legal prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, que determina que: “[...] os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: V- promover meios para a recuperação de alunos de menor rendimento.” Sobre o projeto Ponto de Apoio expressam suas autoras que:

O Projeto PA foi implantado no CEPAE visando contribuir com formação de alunos da 1ª. Fase do Ensino Fundamental – do 1º. ao 5º. Ano – com faixa etária entre 6 e 12 anos de idade. Tem como objetivo atender, em campos disciplinares específicos e em conjunto, alunos que, dentre outros motivos: foram indicados pelo Conselho de Classe inicial para atendimento por apresentar dificuldades em disciplina específica. (ROCHA; MORAES; SILVA, 2012, p. 24-25).

Neste sentido, é essencial descrevermos mais apuradamente o funcionamento do projeto. As turmas e a idade dos alunos atendidos variam, embora tenha sido colocado o limite de 13 anos de idade em 2018. Outro ponto interessante que devemos destacar está relacionado à quantidade de alunos atendidos. Normalmente são alunos que apresentam dificuldades acentuadas nas disciplinas de professores. Assim, são convocados, e para que eles frequentem é necessário a autorização dos pais. Por isso, varia entre oito e 12 alunos. Os textos selecionados para a análise deste trabalho foram de alunos do quarto ano. Eles têm entre nove e dez anos de idade.

Na esteira dessa discussão, ressaltamos que durante o ano de 2018 o projeto esteve estruturado em três eixos: Linguagem, Formação de Conceitos e Raciocínio Lógico Matemático. As atividades aqui descritas compõem o Ponto de Apoio de Linguagem, que esteve composto pelas professoras de Língua Portuguesa (LP) e Geografia, apresentando um caráter interdisciplinar. É necessário citar que normalmente os professores trabalham em parceria. Assim, juntam-se duas grandes áreas e trabalham-se assuntos recorrentes em ambas. Todavia, as atividades de produção das HQ, tomando por base o conto Ninho de periquitos, de Hugo de Carvalho Ramos, foram mediadas pela professora de LP.

O trabalho com a literatura goiana é um dos pontos de destaque do CEPAE, principalmente nos quartos anos do Ensino Fundamental. Dessa forma, durante o segundo semestre de 2018 foi proposta para esses alunos a temática: O sertão/cerrado na literatura goiana. A partir disso, propusemo-nos a estudar alguns autores que escrevem, ou apresentam em seus textos, elementos do Cerrado. A primeira leitura realizada foi o conto Ninho de periquitos, de Hugo de Carvalho Ramos. Esse conto está inserido no livro Tropas e boiadas, de 1917. Esta obra é considerada de grande relevância para a literatura goiana. À época de sua escrita o estado de Goiás estava passando por mudanças significativas em seu contexto histórico-social-econômico; a obra é bastante sensível aos elementos naturais do estado.

O conto apresenta uma variedade linguística bastante pertinente à época de sua escrita, por isso, não apresenta uma leitura fácil, sendo permeado por palavras desconhecidas pelas crianças. Em virtude disso, fizemos, inicialmente, algumas leituras coletivas, nas quais, pausadamente, discutimos acerca dos elementos apresentados na narrativa. Nesse primeiro dia as crianças apenas ilustraram a urutu do sertão – uma cobra que aparece na história, um dos elementos-chave da narrativa – da forma como imaginavam que ela poderia ser. Na semana seguinte fizemos a releitura do conto e em seguida pediu-se para que as crianças, conjuntamente, recontassem a história. Cada aluno ia complementando o outro com detalhes da história. Além das leituras realizadas, cada elemento que os alunos apontam auxiliam para que as crianças construam a história, uma vez que, conforme orienta Vigostky (2001), o desenvolvimento do pensamento passa do pensamento socializado para o individual. Discussões e práticas como as mencionadas contribuem para que as crianças possam, no momento da escrita, ter uma sequência lógica do texto. Procuramos, assim, estabelecer uma preparação para o enunciado escrito das atividades que seriam propostas, tendo em vista sua especificidade, como, por exemplo, certos princípios desenvolvidos por Vigotsky (2001).

[...] é um discurso feito na ausência de interlocutor. Por isso é um discurso desenvolvido ao máximo, nele a decomposição sintática atinge o apogeu. [...] Por isso, comparado ao discurso falado, o escrito é, neste sentido, maximamente desenvolvido e uma forma de discurso sintaticamente complexa na qual, para enunciar cada pensamento isolado, precisamos empregar muito mais palavras do que se faz com a linguagem falada. [...] A linguagem escrita é a forma de linguagem mais prolixa, exata e desenvolvida. Nela temos de transmitir por palavras o que na linguagem falada se transmite por entonação e pela percepção imediata da situação. (VIGOTSKI, 2001, p. 452 e 456).

Portanto, as discussões e recontos orais que são realizados quando trabalhamos uma história objetivam atingir uma finalidade, que é o discurso escrito. Por outro lado, quando trabalhamos a mudança de um gênero para outro, objetivamos que os discentes consigam vislumbrar outros horizontes e, no caso específico do estudo, além de prepará-los para o discurso escrito, vislumbramos lhes proporcionar o acesso à literatura de caráter

regionalista. Buscamos, no Ponto de Apoio, além da formação de conceitos em Língua Portuguesa e em Geografia, possibilitar que os discentes tivessem acesso a um letramento literário. Assim, eles podiam ser os autores e ilustradores, ao passo que conheciam clássicos da literatura goiana.

Pensando nisso, após o reconto de forma oral, foi entregue para as crianças uma folha em formato de quadrinhos com a proposta de que recontassem a história. Para tanto, deveriam ilustrar e contar a história a partir do que haviam entendido, entretanto, deveriam buscar uma proximidade com o conto original. Devido à grande proximidade que as crianças têm com esse gênero, pois costumam lê-lo bastante, a discussão sobre os elementos que o compõem foi tranquila. Orientamos ainda que deveriam manter os elementos principais da história, construir diálogos, bem como ilustrar o que é descrito no conto.

4 DO CONTO PARA A HQ: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL E DISCURSIVA

O conto *Ninho de periquitos*, do autor goiano Hugo de Carvalho Ramos, narra a história de um homem sertanejo em seu cotidiano, abordando elementos que auxiliam na composição de informações para o estudo do Cerrado. O autor descreve, com sua narrativa singular, a vida do homem sertanejo e procura valorizar o trabalho no campo, apresentando elementos caracterizantes da vida no sertão goiano no período descrito.

A história inicia com a personagem principal, Domingos, chamado pelo autor em alguns momentos como ‘caipira’, ‘matuto’ e ‘roceiro’, deitado em sua rede tocando viola após ter se alimentado. O homem se levanta para observar o milharal que em breve terá que colher, quando, antes de sair para trabalhar, é interrompido por um pedido do filho Janjão: que ele não se esquecesse de trazer os periquitos. Os periquitos estavam dentro de uma casa abandonada de cupins. Após o trabalho na roça, o caipira que já ia para casa, lembra-se do pedido do filho e chega a cogitar não realizá-lo. Todavia, naquele dia a criança completava dez anos e, para não entristecê-la, o pai resolve pegar os periquitos.

Ao enfiar a mão no local onde os periquitos haviam feito o ninho o pai sente uma picada e retira a mão. Em seguida, uma cobra, a urutu do sertão sai do buraco e o homem já sabe o seu destino: a morte. “O matuto sentiu uma frialdade mortuária percorrendo-o ao longo da espinha. Era uma urutu, a terrível urutu do sertão, para a qual a mezinha doméstica nem a dos campos possuíam salvação. Perdido... completamente perdido... [...]” (RAMOS, 2006, p. 61). Sem vacilar o homem toma uma atitude e decide decepar sua mão, para que assim pudesse sobreviver. Após tal ato, o homem enrola o braço na camisola de algodão que rasgou com os dentes e sai do mato com uma postura altiva e corajosa, “[...] como um deus selvagem e triunfante.” (RAMOS, 2006, p. 61).

O conto apresenta elementos típicos do cerrado goiano. A estética de sua obra está na simplicidade de observação do sertão goiano. Bosi (2006, p. 240), ao discorrer sobre a principal obra de Hugo de Carvalho Ramos, menciona que “[...] seus contos reunidos em Tropas e Boiadas, revelam plena aderência aos mais variados aspectos da natureza e da vida social goiana [...]”. Diante disso, observamos que obras deste tipo têm muito a contribuir com a formação social e crítica dos alunos, já que somos seres culturais e sociais e a literatura tem muito a demonstrar sobre uma dada época, para além de seu caráter humanizador. Partindo de tais aspectos, selecionou-se para análise neste trabalho, duas HQ que atenderam aos parâmetros do gênero história em quadrinhos, assim como a ordenação e a sequenciação da narrativa. Entretanto, é necessário ressaltar que todos os alunos conseguiram produzir. Analisemos a primeira HQ, Ninho de “Piriquitos”.

Figura 1 - Ninho de periquitos em quadrinhos



Fonte: Acervo dos autores e do CEPAE/UFG.

O aluno escolheu, como plano de fundo para sua HQ, uma tonalidade de azul, desenhando ainda os espaços e a personagem principal. Ele consegue atender de forma sucinta ao proposto e sistematizar os elementos principais da narrativa. No primeiro quadrinho ele desenha uma casa e escreve “No Cerrado”, podemos inferir que ele conseguiu entender o local em que se passa o conto. No segundo quadrinho, desenha a personagem principal, cortando lenha – trabalho típico do sertão goiano. Já o terceiro quadrinho é destinado ao diálogo entre pai e filho sobre o ninho de periquitos que há em um cupinzeiro. No quarto quadrinho o ‘matuto’ se desloca até o ninho; no quinto quadrinho ele parece procurar os bichinhos que, a esta altura, parecem ter virado lanche da urutu; no sexto quadrinho ele é picado e corta sua mão, pois o veneno da cobra é muito forte e pode mata-lo dentro de pouco tempo.

Figura 2 - HQ: Ninho de Periquitos





Fonte: Acervo dos autores e CEPAE/UFG.

Na segunda HQ percebemos alguns traços artísticos do discente, ele consegue se adequar à temática, assim como deixa transparecer uma qualidade bastante acentuada com os desenhos. Dessa forma, podemos observar que a narrativa está bastante concisa na HQ. No primeiro quadrinho o discente desenha o matuto na rede, deliciando-se com sua comida; no segundo, cortando lenha, ou seja, no trabalho; no terceiro estabelece o diálogo entre pai e filho, enfatizando o pedido do filho; no quarto quadrinho o pai observa o milharal; no quinto, voltando para casa, ele decide atender ao pedido do filho e vai até o ninho apanhá-los; no sexto, já no ninho, ele é picado pela cobra; no sétimo, ele demonstra que a cobra foi cortada ao meio pelo matuto; no oitavo, sabendo que o veneno da cobra é extremamente nocivo, decide cortar o braço; no nono o que mais chama a atenção é o semblante da personagem e seu braço cortado, como se fosse levantado como um troféu – parece um herói – e a urutu partida ao meio atrás dele; no décimo o aluno acrescenta o vocábulo: ‘fim’, bem característico de algumas HQ.

Observamos que, como o conto não é ilustrado, as crianças não tiveram nenhuma imagem prévia que as norteasse na elaboração dos desenhos, pautando essa atividade apenas nos elementos descritivos do texto e na imaginação. Vigotsky (2009) discute que a criatividade é um elemento que resulta da interação entre o indivíduo e a sociedade. Para o autor, a atividade de imaginar depende daquilo que é previamente apresentado e das experiências as quais o sujeito foi exposto. Assim, criar algo, caracteriza-se por dar destaque a algumas informações em detrimento de outras, procurando, dessa maneira, a formação dos conceitos. Corroborando esse posicionamento, Faraco (2009, p. 111) expressa que “[...] o que é dito (o todo do enunciado) está sempre relacionado ao tipo de

atividade em que os participantes estão envolvidos”. Isso é de fundamental importância para a constituição de uma identidade literária e para a própria apreciação estética das obras. Além do mais, quando os discentes estão envolvidos neste processo de criação eles acabam desenvolvendo uma série de habilidades e competências, sejam leitoras, de escrita, literárias e artísticas de uma maneira geral por meio do gênero.

Além disso, a partir das HQ podemos pensar em um ensino baseado na estilística. Dessa forma, não se valorizariam apenas os aspectos gramaticais ou imagéticos, mas o próprio estilo e a estrutura composicional do gênero, sempre pensando em uma concepção dialógica (BAKHTIN, 2013). Isto é, “[...] onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não modifica o caráter do estilo nas condições que não lhe é próprio como também destrói e renova tal gênero.” (BAKHTIN, 2016, p. 21).

Neste sentido, no processo de criação artística as crianças deveriam imaginar como as personagens e a história poderiam ser ilustrados, por isso, alguns conceitos precisariam estar claros. Todavia, como a temática do Cerrado permeia o conteúdo escolar e o cotidiano dos alunos, algumas imagens já estavam previamente estabelecidas, como a vegetação em que vivemos no Centro-Oeste. Conforme Bakhtin (2016, p. 26), “[...] todo falante é por si mesmo responde em maior e menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo [...] cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Isso quer dizer que o acesso prévio aos conhecimentos do bioma Cerrado possibilitou criar as ilustrações, assim como o próprio entendimento do conto. Afinal, todo discurso é atravessado pelo de outrem, e nessa interação se formam as identidades. É nesta direção que conseguimos vislumbrar que o trabalho com as HQ em sala de aula pode ser proveitoso para os alunos, tendo em mente que diversos aspectos socioculturais são trabalhados, indo ao encontro do letramento literário. Entendido, por nós, neste trabalho, como capacidade de fazer uso social da literatura em sua vivência diária.

Dessa forma, quando o aluno para e pensa sobre a história, levando em conta os aspectos que são inatos a ela, ele necessita refletir sobre o que já está posto e sobre o que necessita ser acrescentado. Por esse fator, acaba ressignificando sua própria percepção artística-literária. Isso acaba fazendo com ele consiga desenvolver uma apreciação estética aflorada da obra, bem como o ajuda desenvolver capacidades de criação. Por conseguinte, acreditamos que a mudança do gênero conto para o gênero HQ suscitou nos alunos grandes significados, uma vez que propôs um desafio, algo que, para Vigostky (2009), é fundamental para o processo de criação. Para este autor, se estamos em conformidade com a realidade posta, a atividade de criar não ocorrerá, pois ela necessita de um desejo que coloque em prática o exercício de imaginar. Posto isso, observamos que transformar o conto em HQ foi de grande valia à formação literária e artística de nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o trabalho objetivou demonstrar como as HQ influenciam no desenvolvimento e na aquisição de um letramento literário, concomitante ao desenvolvimento do hábito leitor. Para tanto, utilizamos como instrumentos as HQ produzidas pelos alunos do projeto Ponto de Apoio do CEPAE/UFG. Além de ser um trabalho proveitoso para os estudantes, professores e familiares, vai ao encontro daquilo que os PCN expressam sobre dar direcionamentos e outros fins aos trabalhos que são desenvolvidos pelos alunos. Dessa forma, é plausível compartilhar essas experiências.

Além disso, ressaltamos que quando os alunos são confrontados com atividades desse tipo (produção de HQ), eles são instigados a imaginar, a criar, a colocar em prática o que entenderam – sua percepção de mundo, sua percepção de arte. Por isso, acreditamos que as histórias em quadrinhos têm importância acentuada para a aquisição do letramento literário, tendo em vista que instiga os alunos em suas múltiplas facetas e vozes a agir socialmente pela e na literatura. A partir do conto Ninho de periquitos, de Hugo de Carvalho Ramos, muitas obras terão significado diferentes para os alunos contemplados pelo projeto, e isso poderá ajudar na constituição identitária de leitores, escritores e literatos.

Para que a atividade proposta tenha um efeito significativo é necessário que o professor esteja atento ao seu papel, propiciando o contato do aluno com instrumentos mediadores que possibilitem o seu desenvolvimento (VIGOTSKY, 2001). Além disso, como vimos o trabalho com os gêneros discursivos possibilita a aquisição de muitas competências e habilidades que podem atuar diretamente na formação acadêmica e social do estudante, fazendo-o agir socialmente. Isso contribui inclusive para que ele exerça sua cidadania. Por isso, acreditamos que a sociedade necessita de ‘mais literatura’ e concordamos com Cândido (1995) de que ela deveria ser um direito humano, para que a sociedade não seja mutilada e consiga resistir em tempos sombrios.

Concluimos que o trabalho não está pronto e acabado, mas é necessário dar um efeito de acabamento a ele (BAKHTIN, 2016). Por isso, consideramos válidas todas as propostas que visem complementá-lo. Além disso, outras propostas podem ser desenvolvidas a partir do presente estudo; por exemplo: como as HQ atuam na formação identitária de leitores e escritores que já leem e escrevem há muito tempo? Como a autoria pode ser trabalhada nas histórias em quadrinhos? Entre outras problemáticas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gustavo C.; COSTA, Mauricio A.; COSTA, Evâneo B. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico/Stories In

Comics In Education: Possibilities Of A Teaching-Educational Resource. **A Margem**, v. 1, n. 2, p. 26-36, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. **Estética da criação verbal**. v. 5, p. 3-192, 2003

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, Alexandre. Os quadrinhos no ensino de artes. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 56-68

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo. Cultrix: 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia Digital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 – Literário**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://pnld.nees.com.br/pnld_2018_literario/inicio>. Acesso em: 25 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação Parâmetros Curriculares Nacionais. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

CÂNDIDO, Antônio et al. O direito à literatura. **Vários escritos**, v. 3, p. 235-263, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003.

LIMA, Marcelo Soares de. Literatura em quadrinhos: uma questão de adaptação. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 14., 2012. **Anais eletrônicos...** Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/abril2013/portugues_artigos/1literatura.pdf>. Acesso em: 26 out. 2018.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. Goiânia: ICBC, 2006.

ROCHA, Luciana Parente; MORAES, Moema Gomes; SILVA, Rusvênia Luiza. O ponto de apoio de matemática: relato de experiências no Cepae da UFG. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2012.

SANTOS, Wanderley Alves dos. **Literatura e história em quadrinhos (HQ) na educação básica**. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado m Ensino na Educação Básica) – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7515>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emilia. **Histórias em quadrinhos: formando leitores**. *Transinformação* [online]. 2011, vol.23, n.1, pp.63-75. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862011000100006>.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 28-43

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e Pedagogia).

VILELA, Túlio. Os quadrinhos no ensino de história. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem** Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2017.

*Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários e graduado em Letras-Português pela Universidade do Estado do Pará. Professor do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – UFG. Contato: milhomemmoura@gmail.com.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduada em Pedagogia pela UFG. Professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG). Contato: ruskaja.fernandes@gmail.com.

*** Pós-doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (2015). Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (1999). Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994). Professor da Universidade Federal de Goiás desde 1998 e atua na formação de professores. Líder do Grupo de Estudos Transdisciplinares e Aplicados à Formação de Educadores (GRUPO PORTOS - UFG/CNPq). Contato: alexandrecoaufg@gmail.com.